

Espiritualidade Bíblica - Testemunho e experiência

Paulo Uetiⁱ
pauloueti@gmail.com

1 - Introdução

A Bíblia – palavra de Deus dada à humanidade, é um conjunto de textos teológicos e espirituais de séculos de história de vários povos. É uma grande biblioteca que chegou até nós para nos ajudar na compreensão da revelação de Deus. É texto, é tecido. É “Palavra de Deus”. Mas não é qualquer palavra. Não é simplesmente um código de comunicação. Importante recordar que a Palavra de Deus não se começa nem se encerra na Bíblia. A primeira palavra de Deus é a criação: o mundo com tudo o que é dele. Aqui falo da “Palavra” no sentido de “דבר” – palavra criadora, geradora de realidade, um acontecimento.

O texto que temos em mãos, o tecido fabricado (que chamamos de Cânon das Escrituras Sagradas) que nos chegou nesta forma, é ato segundo, primeiro é sempre a vida. É ato reflexivo. É do campo da linguagemⁱⁱ, portanto expressa um campo em constante mudanças e disputas ideológicas. É teologia – uma linguagem sobre Deusⁱⁱⁱ. É uma linguagem (que sempre interpreta) que tem sexo, classe social, agenda política, lugar e objetivo/s. Palavra que tem perspectiva. “*Eu te agradeço meu Pai e Senhor porque escondestes estas coisas a sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos*” (cf. Mt 11:25). A teologia é “um esforço de pensar o mistério... mistério que deve ser dito e não calado, comunicado e não guardado para si.”^{iv}

Esta “Palavra de Deus” que encontramos na Bíblia tem por objetivo: criar realidades e produzir vida e harmonia (cf. Gn 1:1-2:4^a), ser lâmpada para os pés e luz para o caminho (cf. Sl 119:105), nos ajudar a crer em Deus e a ter a vida em Jesus (cf. Jo 20:30-31), a nos corrigir e a nos manter na retidão (cf. 1Tm 3:14-17), a verificar a solidez da fé (cf. Lc 1:1-4). A Bíblia não nos foi construída para que creiamos nela, mas para que, através dela, creiamos em Deus (cf. Jo 20:30-31). E, não esqueçamos que crer é viver. É um testemunho, é um ato. “Crer é uma experiência vital e comunitária; o mistério deve ser acolhido na oração e no compromisso, é o momento do silêncio e da ação.”^v É importante não esquecer deste dado da Revelação para que não percamos nosso foco nesta nossa caminhada, para que não erremos nosso alvo (=pecado), para que sejamos capazes de ‘verdadeiramente’ e de coração aberto escutar o que Deus tem para nos dizer, do jeito que Deus quer nos dizer.

A discriminação entre teologia e espiritualidade tem sua origem no divórcio ocorrido a partir do século XVI, de consequências nefastas, tanto para a espiritualidade, a qual se viu reduzida em consistência e vigor, como para a teologia, que perdeu em movimento, beleza e flexibilidade, tornando-se uma teologia doutrinal puramente explicativa e dedutiva.^{vi}

O momento atual reclama, demanda e redescobre dentro da reflexão teológica o direito de cidadania plena da espiritualidade cristã como fonte rica e consistente de ensinamento sempre novo e irrepetível, sopro do Espírito na história, que permite à teologia de hoje dizer novas palavras.^{vii}

A Bíblia é também um texto/tecido espiritual (de espiritualidade). Além de teologia, ela [a Bíblia] é sinal no caminho para uma “vida no Espírito” (cf. Rm 8), uma vida pautada pela vontade de Deus, experiência do Reinado de Deus.

Precisamos celebrar novamente a união indissolúvel entre espiritualidade e teologia, entre corpo e religião, por muito tempo separados. Aqui vale ressaltar o papel da comunidade como lugar epistemológico e teológico por excelência de acolhimento da revelação e de compreensão da mesma, fazendo-nos parábolas do Reino, profetas da justiça e da libertação e pessoas mais

espirituais, que lutam em conjunto contra o pecado da discriminação, da intolerância, da corrupção diária e mais dispostas e capazes de serem UM com Deus e com a Humanidade.

2. “Escuta Israel...”: diálogo e mudanças – desafios permanentes

Quando falamos de Espiritualidade quase sempre nos vem à mente algo fora do corpo, imaterial. Isso é tudo o que a espiritualidade **não é**. Infelizmente uma leitura, de certa forma equivocada de uma escola filosófica, nos introduziu este tipo de pensamento dualista e exclusivamente binário: espírito é contrário ao corpo. Precisamos retornar às fontes e rever nossos conceitos. Este tipo de antropologia não reflete o “espírito” na e da Bíblia e somente serviu durante muito tempo para dominar os corpos dos povos, especialmente das mulheres.

Espiritualidade tem a ver com o Espírito de Deus. Penso que é relevante relembrar as imagens do Espírito de Deus que aparecem na tradição Bíblica: vento que paira sobre as águas, hálito que vivifica, sopro que ressuscita (dá carne, materialidade aos ossos secos), brisa leve que surpreende quem procura Deus em grandes eventos ou manifestações, línguas de fogo, vento impetuoso que tira do lugar todas as coisas, o jeito de pousar de uma pomba.

É necessária uma compreensão da Encarnação e da Revelação de Deus na história e em Jesus para entrarmos neste mistério comunicado ao povo. Espiritualidade produz e é **ato público**, é o jeito como expressamos na vida (palavras, pensamentos, atos e omissões) o chamado de Deus para a comunhão e para a missão: ser e fazer discípulas e discípulos. Fazer pessoas discípulas de Jesus é ajuda-las a configurar sua vida com a vida dele. Por isso a pergunta ao final da Escola Dominical (ao fim do ano) ou da catequese deveria ser se “somos mais parecidas com Jesus” ou quanto falta para isso. Sem dúvida doutrina, liturgia e catecismos são importantes, mas não é mais importante do que ser uma parábola do Reino aqui e agora, como Jesus nos chamou a ser. É impressionante como uma sociedade que se diz majoritariamente cristã é possuidora de altos índices de violência doméstica (e na sua grande maioria violências cometidas dentro do ambiente da “família tradicional”), de assassinatos de pessoas pobres e negras, de discriminação e desenvolvimento de discursos de meritocracia, ódio e violência (em nome de Deus), de assassinatos de pessoas que defendem os direitos humanos e defensoras de que “cada um cuide de sua vida” (a vida das outras pessoas não importa mais).

Em primeiro lugar ela [a espiritualidade] é **graça de Deus**: “*Então Iahweh Deus modelou a humanidade com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e a humanidade se tornou um ser vivente*” (Gn 2:7). Depois é **uma resposta concreta** ao chamado divino. É a forma concreta, o “estilo”, o “empenho” que têm as pessoas crentes de viver o Evangelho (evangelizar), sempre movidas pelo Espírito. O Espírito é sempre agregador (1Cor 12; Rm 12), vivificador (Ez 37:1-14; Sl 104), organizador e gerador de acontecimentos e realidade, é desconfortável, impulsiona a gente para lugares estranhos (Mc 1:12-13; Mt 4:1-11; Lc 4:1-13). Ele arde e tira tudo do lugar, desinstala (At 2:1-13).

Espiritualidade é isso: deixar-se conduzir e coordenar por este Espírito Santo.

A espiritualidade cristã está vinculada a uma experiência profunda de Deus como Misericórdia (רחמים): entranhas, útero), suscitada pelo Espírito (cf. Rm 8:15-17), que tem seus próprios e específicos contornos, sempre relacionados com a circunstância histórica que se vive e que constitui como que a raiz de sua exigência, sua condição de possibilidade e, ao mesmo tempo, a fonte da qual brota toda a sua riqueza e novidade. Neste sentido ela é predominantemente ética, estética e profética.

Como a espiritualidade também é Palavra de Deus vivida no cotidiano, importa esta atitude de escutar. Isto está na base da nossa espiritualidade. É atitude fundante e estruturante de toda nossa vida no Espírito. O Credo de Israel começa com esta palavra/atitude: “שמע ישראל”: Shemá Israel”. E escutar, na tradição bíblica e espiritual, significa estar atentas/os para si mesma/o, para a

realidade, para os acontecimentos, para o mundo. É ter capacidade e desejo de dialogar sempre. É atitude contemplativa em primeiro lugar que vai aos poucos modificando nosso jeito de olhar e nossas teorias sobre o que observamos e experimentamos e, portanto, vai modificando nosso jeito de viver também. O resultado dessa atitude de contemplar será sempre mudar nossa opinião e nossa relação com o que contemplamos. Contemplar resulta em mudança, transformação interna. Requisito necessário para a conversão.

Nas religiões sempre procuramos escutar a Deus, o que significa então escutar o mundo, umas as outras numa atitude de respeito e de disponibilidade à relação, visto que é no mundo que a manifestação de Deus acontece e pode ser percebida (encarnação). Contemplar a Deus nos leva a contemplar as alegrias e os sofrimentos do mundo.

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”. (Mt 7:21) Os Evangelhos e muitas tradições espirituais dos primeiros padres da igreja estão cheios destes alertas para que estejamos atentas/os para a escuta que deve levar à prática da Palavra de Deus. Maria **escutava e guardava** tudo no seu coração (Lc 2:19), ou seja, ela conseguiu expressar na vida cotidiana dela, com seu corpo, sua perspectiva (suas lentes para olhar), suas atitudes, a palavra de Deus dita e escutada. Maria, irmã de Marta (Lc 10:38-42), escolheu a melhor parte, que foi a de receber Jesus (o Logos de Deus encarnado por excelência) e dar atenção a ele. Ela foi capaz de **desorganizar** a vida cotidiana, desinstalou-se, deixou de fazer o que costumeiramente fazia, deixou a casa desarrumada para ser hospitaleira e sentar-se aos pés de Jesus para escutá-lo. Essa mulher torna-se modelo de espiritualidade e de seguimento. Quantas vezes somos capazes de imitá-la? Quantas vezes a escuta da palavra de Deus (Jesus) incomodou nossa rotina de vida, nossas verdades arrogantes, nossas certezas violentas?

A espiritualidade é a forma concreta de viver o Evangelho, que está vinculada ao seguimento de Jesus como "lugar" próprio da experiência-raiz de Deus como Misericórdia. Claro que isso é uma escolha. Você pode escolher outras imagens e experiências de Deus relatadas nas Sagradas Escrituras. Entretanto, como pessoas cristãs, o modelo a seguir é e será sempre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Uma espiritualidade de sabor e experiência nitidamente trinitária: surge do fato de seguir as pegadas de Jesus, movidos pelo Espírito, caminhando assim como filhas/os do Pai e com a esperança (sempre militante, em ação) de um encontro definitivo com Ele. Chamamos, pois, espiritualidade do seguimento de Jesus a que tem precisamente neste seguimento sua fonte histórica, sua matriz, seu seio fecundo ou solo fértil, seu ponto de partida e seu eixo configurador. Seguir Jesus aqui é entendido, em princípio, como comunhão com sua vida, suas palavras e opções, sofrimento, morte e ressurreição (cf. Rm 6-8), continuação de sua obra e participação de seu destino (a cruz e a ressurreição). Parece-me que é isso que fazemos nas nossas liturgias. É isso o que significa **‘fazer isto em memória de mim’** (Lc 22:19). Ter em Jesus o modelo de vida a ser imitado, sempre conscientes de que isso leva à Cruz, e a ressurreição.

O seguimento intencional de Jesus se tem entendido e se entende, se tem vivido e se vive, na Igreja, de formas muito diversas. E é bom considerar que diverso não é sempre contrário. Por isso, parece imprescindível concretizar mais. O seguimento que configura a espiritualidade a que nos referimos é aquele que assume como momento interno fundamental/estrutural (não conjuntural ou formal) - embora não único, naturalmente - a opção decidida pelos necessitados, pelos pecadores/as^{viii} da terra e por sua justa causa de libertação integral. Isto é parecer-se com Jesus.

Novamente recorrendo ao Evangelho de Lucas, quando o casal de Emaús está fugindo de Jerusalém e voltando para sua cidade, aproxima-se Jesus, o não reconhecido, e caminha com eles um tempo. Ele faz uma pergunta e passa o tempo todo escutando o que aquele casal está vivendo, passando, qual a perspectiva que eles têm do acontecimento. Depois é o casal que tem que escutar a Jesus, que faz um bom estudo bíblico com eles para ajudá-los a enxergar melhor os fatos e poder perceber nessa tragédia uma graça e uma Palavra do Deus da vida. Mas todo esse esforço de ‘escutar fisicamente um ao outro e a Bíblia’ não ajudou ninguém a reconhecer Jesus. E aqui o problema não é saber quem é Jesus, mas saber reconhecê-lo como aquele que é pobre que anda no meio dos pobres, não tem o poder que esperamos, não resolve os problemas e as desgraças do jeito que a gente quer, não é alguém que podemos controlar. Ele é aquele que morreu na cruz. O profeta

de Deus morreu na cruz. Parece que a expectativa, a ilusão da comunidade, impediu-os de reconhecer a Palavra de Deus. Foi somente quando esta escuta se transforma em ação (κοινωνία) em hospitalidade, juntar-se à mesa, abençoar e em partilha do pão que eles conseguiram reconhecer Jesus, na sua verdade, o Crucificado e Ressuscitado. Os olhos se abriram. É bom ressaltar que estudar a Bíblia só esquento o coração, não abre olho. E algo novo aconteceu. Eles entenderam que a comunhão produz imediatamente o serviço, o movimento para fora, excentricidade, de atirar-se na noite da fé (cf. João da Cruz). Mesmo já sendo noite, eles voltaram para Jerusalém, bem diferentes de quando eles tinham saído. “*Mesmo as trevas não são trevas, para ti a noite é clara como o dia*” (Sl 139:12).

Cotidianamente somos convidadas/os a olhar mais precisamente para a Encarnação/Revelação de Deus em Jesus e a perguntar o quanto eu, você e a Igreja nos parecemos com ele. Vamos meditar o hino de Filipenses 2:5-11. Vale a pena olhar para este hino e perguntar pela nossa vida.

“O Reino de Deus é o horizonte que convoca a uma nova exigência de comportamento: é dom gratuito, mas também transfiguração do mundo e da pessoa.”^x É a graça de Deus que transforma o mundo. Reconhecer e aceitar essa graça é tarefa árdua e nem sempre feita com sucesso nas nossas vidas e nas nossas igrejas.

Para a nossa tradição religiosa o Reino de Deus não é algo somente do futuro, do fim. É uma experiência que vamos vivendo e construindo no nosso dia a dia. Por isso é desconfortável quando falamos do Reino. Porque exige de nossas mentes e corpos uma conversão (e uma conversa), uma *metanoia* = mudar de mentalidade e de atitudes. Exige um compromisso de dizer uma palavra de Deus: fazer alguma coisa.

A conversão só é possível nos encontros e desencontros da nossa vida cotidiana com o desejo de Deus de salvar toda a humanidade. É no caminho que vamos descobrindo novos caminhos. É neste caminho de conflitos e contradições que vamos aprendendo a escutar a Palavra de Deus e a pô-la em prática. Na tradição bíblica essa é a melhor tradução de “conhecimento de Deus” e de “verdade”.

Por isso é tão fundamental redescobrir esse desejo de Deus para com o mundo. Temos muitas fotografias ofuscadas de Deus, muitas imagens mexidas, e muitas fotos que não são de Deus. E nas nossas paredes infelizmente estão penduradas mais pinturas mal feitas do que fotografias atuais. Daí corremos o risco de nos perdermos na relação com o sagrado.

Tomás de Aquino vai nos lembrar que ‘de Deus só podemos dizer o que não é’. Mesmo assim, uma das melhores definições que temos na tradição bíblica é de que Deus é Amor Uterino (misericórdia). Ele se revelou e se revela porque é um amante incondicional. É apaixonado. Todos e todas que já se apaixonaram na vida sabem o que isso significa. É experiência transformadora, transgressora e transfiguradora.

É nesta perspectiva, porque Deus assim quis, que devemos repensar nossa vida espiritual: na paixão de Deus, no desejo esquecido e manipulado.

3. Seguir Jesus, modelo de espiritualidade

Os Evangelhos mostram que o próprio Jesus delineou a exigência do seguimento. Em determinadas ocasiões, o chamamento de Jesus para segui-lo dirige-se a pessoas singulares: A Simão e André, seu Irmão (Mc 1:16-18), a Tiago e seu irmão João (Mc 1:19-20), a Levi (Mc 2:14). Em outras ocasiões, dirige-se ao círculo de suas discípulas/os em geral (Mt 16:24), às pessoas que o rodeiam junto com seus discípulos ou até mesmo a todas que querem ouvi-lo (Lc 9:23)^x.

Considerando com atenção esses chamamentos de Jesus para segui-lo, vemos que se caracterizam por sua singular radicalidade e por sua dupla finalidade: estar com ele e assumir uma missão (cf. Mc 3:13-15; Mc1:17). Mas não se pode olhar para trás quando se põe a mão no arado, tem que deixar os mortos enterrarem seus mortos, tem que abandonar ou rever os laços

consanguíneos (minha verdadeira família^{xi} é quem faz a vontade de meu Pai); tem que largar tudo (pai, barco, lugar geográfico assumindo o risco do caminho sem nada).

a) Radicalidade do seguimento

A singular radicalidade dos chamados de Jesus concretiza-se na exigência de obediência absoluta ou de entrega incondicional que deverá articular-se historicamente em uma série de renúncias radicais. É efeito dominó. Na realidade, torna-se necessário renunciar a tudo para fixar bem os sólidos cimentos do seguimento real (cf. Lc 14:28-33; Mt 13:44-46). A fonte (Q) insiste mais na renúncia à família; Mc e Lc insistem de forma especial na renúncia aos bens materiais; Mt e também Jo, na renúncia ao apego à própria vida. Porém, o que se trata, em definitivo, é de renunciar a tudo que possa impedir o seguimento a Jesus e de colocar-se inteiramente ao serviço do Reino. Temos que ser UM (de coração unificado – centrados – não dispersos):

- renúncia ao dinheiro e aos bens materiais deste mundo (cf. Mt 6:24; Lc 18:22);
- renúncia ao apego a nós próprios, à própria vida (cf. Mt 10:39, e 16:24 e par.; Jo 12:24); Mt 10:39 e 16:24.
- renúncia à instalação cômoda (cf. Lc 9:57-58);
- renúncia às vinculações familiares que possam impedir ou atrapalhar o seguimento (cf. Lc 9:59-62; Mt 10:35-38 e par.)

Este último aspecto ainda encontra muitos problemas. Apesar de nossa teologia já haver resolvido a questão da ‘nova’ família que é a igreja, na prática ainda se encontram muitos obstáculos para se fazer valer este item do seguimento de Jesus. No atual estado das discussões sobre vocação, família e missão ainda encontramos, do ponto de vista da vida espiritual, um obstáculo à concretização do caminho como vocação de Deus para o Reino. Mesmo depois do batismo ou depois dos votos religiosos ainda continuamos chamando de ‘minha casa’ a casa da minha família consanguínea. Infelizmente estes textos e essas conversas radicais sobre o ‘deixar’ a família e os laços consanguíneos não assumiram o caráter de constitutivo da estrutura da igreja como sacramento de Jesus e nova família em Cristo. Ainda há muito caminho a percorrer e a teologia da espiritualidade tem muito a contribuir para esse debate.

Com razão pode-se dizer que este modo de Jesus chamar a seu seguimento nos confronta conosco mesmos/as e com o estado atual da vida cotidiana. Estar com Jesus exige um desapego que não estamos acostumados/as a viver. Não é por acaso que os relatos de chamado e, especialmente o bloco central do Evangelho de Lucas e os primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos, estão repletos dessa discussão que gira em torno do desapego para a missão, do abandono para o Reino. Infelizmente, na maior parte do tempo são só temas para encontros e retiros ou textos acadêmicos, não entram na vida cotidiana, não transformam a realidade de ninguém nem da sociedade.

b) Estar com Ele e assumir sua causa e seu destino

“A espiritualidade é um caminhar em liberdade segundo o Espírito de amor e de vida. Essa caminhada tem seu ponto de partido em um encontro com o Senhor... o encontro é marcado pela iniciativa divina.”^{xii}

Jesus convida seus seguidores a estarem com Ele (cf. Mc 3:14), a manterem-se ao seu lado (cf. Lc, 22,28), a partilharem seu estilo próprio de vida, itinerante e desinstalado (cf. Mc 6:8ss e par.; Lc 9:57 -58), e a seguirem em todo momento o seu exemplo (cf. Jo 13:15; 14:6). O seguimento de Jesus implica, em primeiro lugar, a comunhão com Ele (na sua vida, sofrimento, morte e ressurreição), "assemelhar-se a Ele", ter suas mesmas atitudes e sentimentos (cf. Fil 2:5), ser santos como Ele foi (cf. 1Pe 1:15-16), proceder como Ele procedeu (1Jo 2:6), seguindo suas pegadas a todo momento (cf. 1Pe1:21-22).

Mas, para a pessoa que segue Jesus, esse estar com Ele e comungar com seus sentimentos e atitudes de vida é inseparável de seu ser enviado à missão, que transforma, de ser "pescadores de homens e mulheres" (cf. Mc 1:17 e par.)^{xiii}, de proclamar com palavras e sinais que o Reino já é

chegado como presença salvífica e libertadora que cura os enfermos, expulsa os demônios^{xiv}, liberta os cativos e é bem-aventurança para os pobres (cf. Lc 9:1-6; 10:2-12; Mt 10:1-16; Mc 6:7-13). O seguimento é essencialmente tarefa, encargo, missão, prática salvífico-libertadora, comunhão com a causa de Jesus de servir ao Reino. Implica em incidir nos contextos em que vivemos e “cristificar” (vestir com o Cristo) as realidades onde vivemos, fazer revelar o Reino que já está, já foi dado mas está encoberto ou impedido de manifestar-se. Exige, inclusive, a disponibilidade para participar também em seu próprio destino, assumindo a inevitável conflitividade e perseguição, isto é, carregando a cruz até ao fim (cf. Mc 8:35; Mt 10:16-18.21-25.38-39; Lc 14:27; Jo 12:24-26).

Mas isso não estava entendido previamente pela comunidade. Houve um desentendimento no que significava a messianidade de Jesus bem como o seguimento dele^{xv}. A comunidade cristã, ainda hoje, tem muitos problemas teológicos e espirituais de compreender a Diaconia e a Cruz dentro da economia da salvação e de compreender a participação na revelação do Reino. Normalmente se deseja somente um pedaço de Jesus. Ou se acentua em demasia sua vida e sua obra ou se confunde ressurreição com imaterialidade e com irrealidade. Das duas formas nós somos arrancadas/os dos processos históricos, onde deveríamos viver essa espiritualidade cristã.

Nos evangelhos há uma insistência em repetir para a comunidade o fato do destino de Jesus ser a cruz. Destino não porque ‘já estava escrito’, mas porque esse era e é o resultado de toda pessoa que se compromete com a aliança: justiça e direito, defender o órfão e a viúva e fazer o que é agradável a Deus. A cruz é consequência inalienável da vida cristã. Já desde a encarnação de Deus em Jesus temos esse anúncio estabelecido. Já desde o seu nascimento, Jesus incomodava os poderosos religiosos e políticos de sua época. Não era necessário ser muito adivinho para perceber que a consequência da vida de Jesus seria o sofrimento, a exclusão e a cruz.

4. Espiritualidade do seguimento: seus traços fundamentais

Como caracterizar a espiritualidade que tem como experiência - fonte o encontro com Deus que acontece, sempre pela força do Espírito, no seguimento de Jesus de que estamos falando? Quais são os traços que especificam uma espiritualidade que está vinculada ou que tem sua força inspiradora na solidariedade beligerante com a causa justa dos pobres, vivida com o espírito das bem-aventuranças evangélicas no horizonte de esperança no qual se situa a ressurreição?

A espiritualidade não pode ser algo que aliena da realidade que nos rodeia mas, ao contrário, vincula -se estreitamente a ela, até ao ponto de ter como pressuposto fundamental a honradez e a fidelidade para com a verdade do real e a mais radical de suas exigências: sua transformação libertadora (cf. Rom 8:18-24). Como adverte repetidamente J. Sobrino, parafraseando a Paulo, a falta de honradez com o real leva a aprisionar sua verdade na injustiça (cf. Rom 1:18 ss) e priva a criatura e a igreja de sua "capacidade de ser sacramento da transcendência e de desencadear história de maneira correta". E como uma "fundamental ou radical desonestidade" que confere pés de barro a tudo que se edifique sobre ela, embora tenha aparência de sublime, tanto vale dizer, impossibilita o surgimento de uma verdadeira espiritualidade. A espiritualidade do seguimento que aqui reivindicamos edifica-se a partir de uma relação honrada e honesta com a realidade, permitindo, com "castidade intelectual", escutar suas demandas e clamores de justiça, captar sua verdade e suas exigências de plenitude libertadora e, ainda, responder-lhes com fidelidade, combatendo tudo quanto de negativo e maldição possa existir nessa mesma realidade, fomentando ou potenciando o que existe de positivo e de promessa^{xvi}.

A espiritualidade que tem por premissa fundamental a escuta e a obediência será chamada por muitos místicos e teólogos/as de espiritualidade que vem de baixo^{xvii}. Esta consciência espiritual revela a premissa fundamental da teologia da revelação que é a que Deus sempre toma a iniciativa. Deus vem visitar o seu povo e escolhe falar com ele diretamente. Fez isso através dos profetas antigamente (cf. Hebreus) e depois através de seu filho Jesus. Para João essa horizontalidade *koinonica* é critério estruturante da fé no Deus da vida. “Quem diz que ama a Deus

que não vê e não ama seu irmão que vê é um mentiroso” (1João). Deus é amor, é relação de amor. É só ali que podemos perceber e entrar no mistério da sua presença e graça.

Para escutar Deus é necessário assumirmos nossa humanidade, seguindo o exemplo dele. Encarnou-se como carne, como gente, como ser humano. Não é pecado ser gente. As fraquezas são só fraquezas, não “defeitos de fábrica” que precisam ser ‘consertados’. Fazem parte da nossa humanidade, do nosso jeito de estar no mundo. E é só assumindo esta realidade que vamos poder falar de uma realidade transcendental. A cruz é o maior paradoxo que podemos encarar na tradição cristã. A Cruz é ao mesmo tempo sinal de sofrimento/morte e vida/ressurreição. Como pode ser isso? Como pode a fraqueza e a derrota se transformar em fortaleza e vitória?

Aqui não se trata apenas de ouvir a voz de Deus naquilo que eu penso e sinto, nas minhas paixões e enfermidades... também não se trata de apenas subir a Deus descendo à minha realidade. Trata-se de estar, a partir das minhas possibilidades, disponível a um estado de relação. Estar dispostos e dispostas a ‘dar um pulo na noite’ (cf. João da Cruz), a viver na insegurança e nas incertezas, num estado de dependência desconfortável. Trata-se de estar dispostos/as a ir além das palavras, ou seja, de dialogar. E o primeiro diálogo no encontro com o sagrado é o diálogo com as nossas fraquezas. Evagrio Pontico vai dizer que se queres conhecer a Deus tens que conhecer a ti mesmo. A tradição monástica vai nos ensinar (o que a Bíblia já nos disse muitas vezes) que a verdadeira oração surge das misérias e fraqueza, não das virtudes.^{xviii}

Na abertura interrogativa à provocação da realidade e suas exigências de mudança e, mais concretamente, na conversão à provocação do pobre e de seu clamor, nos abrimos à provocação do Deus transcendente. Na alteridade do outro (especialmente o outro que mais necessita) sai-nos ao encontro a alteridade do Deus transcendente, o radicalmente "Outro", com maiúscula, que exige de nós um processo sempre inacabado de conversão. Cumpre, porém, precisar mais na linha do seguimento tal como o temos especificado. A solidariedade amorosa com o "outro" empobrecido, se quiser ser real e operativa, tem que traduzir-se em participação em processos de luta libertadora. Esta participação, expressão histórica do amor, em uma realidade marcada pelo conflito, é que constitui o lugar privilegiado de acesso ao mistério do Deus transcendente, por quanto introduz numa dinâmica histórica que se transcende a si mesma na medida em que reclama que se assuma uma tarefa de transformação nunca terminada. Ela é a mediação mais apta para encontrar-se com a realidade última que a tudo transcende porque carrega em seu bojo a exigência de um "plus" inesgotável de humanização, de busca e desinstalação permanentes e de radical disponibilidade, de abertura ao futuro e à sua novidade inacabável e insuspeitável, de imersão em um processo inacabado e permanente de conversão. Em definitivo, leva em si a exigência daquela mudança e ruptura que permite passar do ser ao dever-ser, de nossos caminhos para os caminhos de Deus. A prática da justiça é o lugar preferencial que possibilita, sem enganos, ascender ao mistério de Deus e a Deus, precisamente, enquanto mistério último que nos transcende sempre e nos urge na entrega incondicional, inclusive a dar a vida pelos outros (Verdade única de Deus – a entrega incondicional simbolizada pela ceia e testemunhada pela Cruz).

Aqui cumpre um papel fundamental formar comunidade, a catequese e a liturgia. São aspectos da vida da Igreja que devem nos levar a experimentar e conhecer a Deus e não simplesmente a cumprir os ritos que supostamente nos levariam a ele, ou realizar performances para “agradar a divindade”, como é o costume ainda em muitas situações. O conhecimento (ou melhor o reconhecimento) de Deus é feito quando nós nos deparamos com ele do jeito que nós somos. A comunidade e a liturgia, em especial, são o espaço privilegiado da celebração da verdade (do não esquecimento). Mas não de qualquer verdade, mas daquela que é a Verdade de Deus, conforme já citei acima. São o lugar onde o símbolo e o rito, o espaço e a palavra falada, tornam-se não mais instrumento simplesmente de acesso ao sagrado, mas tornam-se expressão do amor apaixonado que irradia de Deus e atinge a todo o mundo. Como podemos ajudar a comunidade onde vivemos a viver isso de maneira humilde e serviçal? Como podemos ajudar a comunidade onde vivemos a se

descobrir necessitada de Deus e de libertação? Como podemos envolver nossas igrejas numa espiritualidade que não seja mais falaciosa nem egocêntrica.

A experiência do Reino e da Misericórdia de Deus, portanto da Revelação de Deus em Jesus, sempre vai nos recordar que a vida, sofrimento, alegrias, morte e ressurreição dele foi uma vida de excentricidades, de sempre para fora de si mesmo.

A espiritualidade bíblica é profundamente cristã:

- Porque, centrada no seguimento e na formação de comunidades, recupera a memória excêntrica, transtornante, apaixonante e transformadora de Jesus e situa o crente no lugar onde este mesmo Jesus indubitavelmente se situou, aquele no qual, com autenticidade e radicalidade evangélicas, pode dar-se a conversão primeira, ponto de partida obrigatório de toda espiritualidade cristã: o lugar no qual se situa a solidariedade ativa com os pobres e marginalizados da terra, inclusive o próprio planeta.

- Porque permite recuperar o verdadeiro rosto do Deus cristão^{xix} (revelado por Jesus, suas discípulas/os e as comunidades que se formaram após sua ressurreição), já que quem segue a Jesus está em condições de conhecer ao Deus que nele se manifesta. Para conhecer Deus - Pai e do Reino que é Boa Nova de salvação, Deus crucificado e silencioso e, ao mesmo tempo, Deus de vida e libertador que se afirma contra os ídolos que levam à morte, Deus trinitário - não basta a honestidade intelectual nem a melhor das intenções: é necessário seguir a Jesus.

- Porque, para ser perseverantes e consequentes com a primeira e radical conversão ao mundo dos pobres e a sua luta pela justiça, exige que se viva ao compasso do espírito das bem-aventuranças pois foi o que pautou o estilo e o empenho de vida de Jesus.

- Porque permite superar os falsos dualismos de tantas espiritualidades deslocadas e conseguir uma articulação dialeticamente fecunda entre os dois pólos necessários de toda espiritualidade cristã: o "místico" e o "político". O seguimento de Jesus, já o temos visto, é o convite a estar com ele (contemplação) e exigência de missão (ação, compromisso ativo de transformar a realidade segundo o plano de Deus). Jesus chama a sermos contemplativos na ação pela justiça a serviço do Reino. No seguimento, não se pode separar ou apresentar, de forma alternativa excludente, a contemplação e a ação, a vida interior e a missão, a oração e o compromisso, a gratuidade e a eficácia libertadora. A iniciativa gratuita de Deus se afirma em conexão de troca continua com a tarefa humana responsável, com a causa da libertação e da felicidade plena do mundo. Deus não transforma a história a golpes de sua cólera ou com suas intervenções categóricas, mas, sim, com o dom gratuito de seu Espírito a pessoas livres e responsáveis, ou seja, pelo amor incondicional, insistente.

- Porque tem um caráter nitidamente pascal, o centrar a existência cristã no seguimento de Jesus crucificado deve partir da fé no Cristo ressuscitado. Recupera-se assim, como já dissemos, a centralidade da cruz, própria de toda espiritualidade cristã, vivida pela mediação do amor solidário com os crucificados da história sempre no horizonte indeduzível de esperança em que a fé no ressuscitado situa. Uma fé que vence o mundo (1Jo 5:4), uma esperança que se afirma, inclusive, contra toda esperança (Rom 4:18), um amor que se historiciza em solidariedade ativa para com os mais pequenos (Mt 25:34-40). Uma espiritualidade de sabor pascal, centrada na vivência das chamadas virtudes teológicas que se afirmam na história - e até contra a história - em sua presente configuração. Uma espiritualidade inequivocamente cristã.

Gostaria de continuar a provocação com uma musica de Raul Seixas, retirada da espiritualidade de São João da Cruz.

Água Viva
 Eu conheço bem a fonte
 Que desce aquele monte
 Ainda que seja de noite
 Nessa fonte está escondida

O segredo dessa vida
 Ainda que seja de noite
 "Êta" fonte mais estranha
 Que desce pela montanha
 Ainda que seja de noite
 Sei que não podia ser mais bela
 Que os céus e a terra, bebem dela
 Ainda que seja de noite
 Sei que são caudalosas as correntes
 Que regam os céus, infernos
 Regam gentes
 Ainda que seja de noite
 Aqui se está chamando as criaturas
 Que desta água se fartam mesmo
 às escuras
 Ainda que seja de noite
 Ainda que seja de noite
 Eu conheço bem a fonte
 Que desce daquele monte
 Ainda que seja de noite
 Porque ainda é de noite
 No dia claro dessa noite
 Porque ainda é de noite

ⁱ Teólogo Biblista, Assessor teológico e Facilitador Regional para Aliança Anglicana para América Latina de Anglican Alliance/Anglican Communion Office London UK, da Diocese Anglicana de Brasília-DF-Brasil, assessor do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos – CEBI, da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica – ABIB.

ⁱⁱ Para maiores informações ver: Pelletier, Anne-Maria. *Bíblia e Hermenêutica Hoje*. Ed. Loyola. São Paulo, SP, 2006; Ricoeur, Paul. *Ensaio de Interpretação Bíblica*. Fonte Editorial/Novo Século, São Paulo, SP, 2004.

ⁱⁱⁱ Cf. Gutierrez, Gustavo. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 1987.

^{iv} *Ibid.*

^v Cf. Gutierrez, Gustavo. *O Deus da Vida*. Ed. Loyola. São Paulo. 1990.

^{vi} Cf. J. SOBRINO, *Espiritualidade e Teologia, In Liberación con Espiritu*, Santander, Sal Terrae, 1985, pg 60 (trad. port., Vozes, 1987)

^{vii} Cf. H.U.VON BALTHASAR, *Teologia y Espiritualidad*, In *Selecciones de Teologia* 13 (1974) pg 142

^{viii} Mateus 5,1-12; Lucas 9,51-19,28; Tiago 5; 1Cor 1-4; 1Cor 12.

^{ix} Teixeira, Faustino. *A Espiritualidade do Seguimento*. Paulinas. São Paulo. 1994.

^x Discute-se se o chamado ao seguimento estrito foi dirigido pelo Jesus histórico a todos ou somente a alguns, isto é, aos escolhidos para colaborar mais diretamente com Ele na proclamação do Reino, chamados estritamente de discípulos. Talvez se possa dizer que Jesus, no começo de sua vida pública, restringiu ao pequeno grupo dos discípulos o chamado ao seguimento, para universalizá-lo depois, ao chegar ao final (cf. Evangelho de Mateus). Em todo caso, a partir da Páscoa, já se produz a identificação entre crer em Jesus e segui-lo, tomar parte da comunidade crente e ser discípulo seguidor de Jesus. (Cf. HENGEL, M., *Seguimiento y carisma. La radicalidad de la llamada de Jesus* (Santander, 1981) pp. 91-93, 128; BORNKAMM, G., *Qui est Jésus de Nazareth?* (Paris, 1973) (pp. 173-174). A teologia atual costuma considerar que o seguimento, como diz Bonhoeffer, é "um preceito divino dirigido a todos os cristãos" (cf. *El precio de la gracia* (Salamanca, 1968), p. 23; METZ, J. B., *op. cit.*, pp. 27-45; Von BAL THASAR, H.-U., *Ensayos teologicos* 11. *Sponsa Verbi* (Madrid 1964), (p. 155). Isto não significa ignorar a diversidade de carismas, vocações, ministérios e tarefas no seio da única comunidade, chamada toda ela à santidade, ao seguimento de Jesus. Como observa Metz, "na realização prática do seguimento podem dar-se níveis e divisões do trabalho, mas o que não existe, de modo algum, é uma dispensa geral desta missão".

^{xi} Aqui vale a pena sublinhar a necessidade de se rediscutir o conceito de família na tradição crista.

^{xii} Gutierrez, Gustavo. *Beber em seu próprio poço*. Pág. 50. Ed. Loyola. São Paulo. 2000.

^{xiii} Ver documento da Comunhão Anglicana – [O discipulado intencional e a formação de discípulos/os](#)

^{xiv} Aqui vale a pena ressaltar que há uma diferença entre “demônio” e “diabo”, que em outra oportunidade poderemos retomar.

^{xv} Jesus recusa vestir-se de messias como o único e exclusivo salvador e solucionador de problemas e conflitos (doenças, opressões, divisões, violências, etc). A messianidade EM Jesus, não DE Jesus, implica em co-laboração, em reconhecer que a economia da salvação se dá no trabalho coletivo, no empoderamento das pessoas e de suas relações entre elas e com a natureza, em contribuir efetiva e ativamente na transformação de si e do contexto. A comunidade é parte estruturante do ministério messiânico de Jesus. Ela participa ativamente e tem essa participação reconhecida por Ele.

^{xvi} Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidad de Jesús y espiritualidad de la liberación* em (VV. AA.). *Espiritualidad de la liberación* (Madrid, 1985) pp. 4-8

^{xvii} Ver as obras de Anselm Grün.

^{xviii} Ver as obras de Anselm Grün.

^{xix} Vale a pena ressaltar que nós temos que escolher o que ler e como ler, tanto a Bíblia, quanto a teologia e a realidade. Aqui falando da fonte escriturística é fundamental reconhecer que a Bíblia é portadora de muitas vozes, teologias e projetos políticos. Cabe a nós hoje, a partir de Jesus, o Cristo (aqui há um cânon dentro do cânon – nem todos os livros da Bíblia tem a mesma autoridade), que imagem de Deus proclamar e cultivar, que palavras de Deus propagar e repetir e que ações de Deus perpetuar e reproduzir. Para a pessoa cristã, o modelo está posto: Jesus.